

O ALBUM CAXIENSE.

PERIODICO LITTERARIO, COMMERCIAL E RECREATIVO.

ANNO I. |

CAXIAS 1.º DE MARÇO DE 1862.

| N.º 4.

ASSIGNATURAS

(dentro da Cidade.)

Por anno ... 8\$000

Por semestre. 4\$500

Por trimestre. 3\$000

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA.

Subscrição-se na casa do redactor, banco do thesouro, casa n.º, sendo as assignaturas pagas adiantadas.

Os annuncios para os assignantes *gratis*, e para os que não forem, conforme o ajuste.

Communicados, correspondencias e outras publicações de interesse geral, gratuitas. Folha avulsa 200 rs.

ASSIGNATURAS

(fora da Cidade.)

Por anno ... 8\$500

Por semestre. 5\$000

Por trimestre. 3\$500

O ALBUM CAXIENSE.

CAXIAS 28 DE FEVEREIRO DE 1862.

Ha alguns annos que Caxias soffre uma verdadeira crise commercial, crise bem assustadora, e que só tem podido avaliar quem a conheceu em outro tempo. Este estado desanimador, filho da irregularidade dos pagamentos do commercio de fora, como que vai melhorando, e tomando uma feição mais lisonjeira e esperançosa. O commercio sertanejo tambem tem estacionado, porque com a falta de boas colheitas, todos mais ou menos soffreram prejuizos; e ainda não é tudo.

A moeda desapareceu como por encanto! A queiza era geral, e cada qual tinha motivos para ella. O ouro é o tudo; é a vida. Quando ha ouro, as produções avultão, o consumo é certo, o commercio toma incremento, porque tambem as mercadorias são mais procuradas. Não se julgue por isto, que o ouro faça com que a lavoura aumente; mas entretanto é um garante para os lavradores, que, temendo qualquer crise, não querem expôr as suas poucas produções com depreciamento.

Esta verdade é tão reconhecida, que Hume, no seu *Ensaio sobre o dinheiro*, observa que em cada paiz em que augmenta o gyro do numerario tudo toma nova physionomia. Reanimão-se os trabalhos da industria, o negociante torna-se mais empreendedor, o fabricante mais perito e o agricultor mais zeloso no movimento da charrua.

Alem de Hume temos mais o celebre Huskisson, que constatou a acção dos metaes preciosos na industria humana, o influxo que devia assegurar-lhe o accrescimento da produção das minas, o espirito de in-

venção e de empreza, que dali devia resultar, ao passo que uma diminuição nella receita devia trazer effeitos contrarios.

Não é possivel negar o que a experiencia está mostrando todos os dias. A falta do dinheiro faz girar todo este maquinismo, que serve para promover as riquezas; é o dinheiro a sua mola real e principal, e sem a qual é impossivel fazer girar as molas.

Eis porque nesta cidade esmoreceu o commercio, e estacionou a industria; a lavoura foi minguando e o dinheiro desaparecendo pouco a pouco, até o ponto de dificultar-se a compra em razão da dificuldade do troco.

Foi a epocha da crise!

Felizmente que o numerario ja vai circulando, e fazendo nascer esperanças nas corações de todos. Do sertão ja teem affluído os consumidores, e as produções vão apparecendo.

Caxias, o emporio do commercio central de toda a provincia, ainda está um pouco atrasada em suas relações commerciaes. As empresas, que reclamão coragem, ainda não são abraçadas pelos commerciantes, que receião qualquer eventualidade; se não fôra este temor, seria Caxias o lugar mais importante da provincia em relação mesmo a capital, pois que é d'onde saem as produções abundantes, maior somma de numerario, e onde se consome talvez (salvo o erro) um quarto ou um terço das mercadorias, que são importadas do estrangeiro.

A primeira vista não ha quem possa dizer, que Caxias seja um lugar tão importante. Quem ignorar o que ella remette para a capital e o que dalli recebe, não poderá avaliar, principalmente em presença da pouca animação, que apparentemente apresenta o seu commercio.

Uma cousa (que para alguns commerciantes vale nada) talvez concorra grandemente para dar-lhe vida e animação, e é o annuncio das diferentes mercadorias, que cada um tem á venda. Bem se sabe que pode haver nesta ou naquella loja tal ou tal objecto de que se precisa, sem ser necessario fazer-se annuncios; mas estes como que despertão a vontade dos compradores, e chamão a sua attenção para alli. Ou não ha gosto, ou ha erro de calculo; em ambos os casos o commerciante faz mal, porque priva deste modo a generalisação de ideias, que muito poderião concorrer para o desenvolvimento do commercio, uma das tres principaes classes de que dependem a prosperidade e o engrandecimento de qualquer lugar.

O CALOTEIRO.

(Continuado do n. 3.)

O assumpto de que nos temos occupado em os dous numeros anteriores é, além de melindroso de summa importancia, pois que, abrangendo a sociedade, vai buscar para objecto os mesmos membros que a compõem. E com quanto não nos tenhamos estendido bastante sobre o quadro de tantos liguriuos, todavia tememos que já o nosso pobre individuo tenha sido esmagado; embora porem tantos perigos nos appareçam, não obstante as muitas difficuldades, que se nos apresentem, trabalharemos para superar estes obstaculos por amor da verdade, que é a unica digna de tão grandes sacrificios.

Tendo escripto algumas poucas palavras sobre os caloteiros em geral, e descendo até a descripção de alguns caracteres, para melhor desenvolvimento da materia, tambem fizemos o nosso proprio retrato; e, sendo assim, como poderemos ser censurado, quando vamos falando sempre em geral? Quem anda aos porcos em toda moita lhe roncão ou grunhem: é o rião dos nossos sabios antepassados, que se dedicaram ao estudo dos homens por prazer, e não por interesse proprio. Ora pois aquelles, que tem lido os nossos escriptos sobre os caloteiros, e não tem gostado, não continuem a lê-los, porque é o melhor remedio para não terem raiva: quanto a dizer verdades continuaremos, pois que é uma nobre missão. Não abusaremos, o que não será pouco; por tanto vamos proseguir em nosso trabalho.

Dissemos que ha caloteiros em todas as classes da sociedade: é verdade. Já provamos que entre os fidalgos se encon-

trão membros desta familia numerosa, bem como entre os plebeos; apresentamo-los na classe dos empregados publicos, e isto em linguagem corrente. Se percorrermos as outras classes até ainda depararmos com elles, posto que trajando outras vestes, e por consequencia como uma nova especie. Entre os negociantes encontra-se tambem, mas trilhando já um caminho muito differente.

Por exemplo: o negociante, que se dá por fallido hoje, entrega os restos do que possuio aos credores, e amanhã reaparece na sociedade negociando, já d'uma maneira já d'outra, ou sob a firma d'um amigo.... não será caloteiro? certo que é, e tão caloteiro como os outros, pois que não pagou, porque não quiz. O que quer dizer: estou fallido, não posso pagar, e d'ahi a pouco apresentar-se em estado de negociar novamente?

Haviamos prometido em o numero passado ampliar mais esta materia, e dar-lhe mais algum desenvolvimento; porem seria enfiado-nho querer levar mais adiante o esboço começado; demais todos sabem pouco mais ou menos o que são caloteiros, e quaes as classes, ou melhor o caracter delles; e, sendo assim, é mais conveniente não tratar deste assumpto por em quanto, afim de não tornar-se fastidioso.

Antes de concluir pedimos aos nossos leitores, que releiam-nos qualquer palavra menos conveniente, da qual por ventura nos tenhamos servido, certos de que não tivemos intenção d'offender a quem quer que seja. Desejariamos poder escrever os nossos mal ali-havados artigos sem ferir nem de leve a qualquer pessoa; mas o que não podemos conseguir dos nossos poucos conhecimentos, conseguimos da nossa consciencia, pois que estamos convencido d'haver levado á effeito o nosso proposito.

Reinado e ultimos momentos de D. Pedro V.—por José Maria de Andrade Ferreira.

Collocar ao lado da noção de direito a noção do dever, é a tarefa d'aquelles a' quem cabe a missão de solidificar o edificio que a revolução social fundou.

D. PEDRO V. allocução feita na escola polytechnica por occasião da sessão solemne de 1857.

I.

Tem-se ordinariamente por grande temeridade o escrever de principes, logo depois da sua morte. A sombra dos orgulhos huma-

nos parece assentar-se ainda ao lado do mausoléu, que as pompas do mundo e os privilégios de nascimento, como a derradeira das vaidades, accordaram em erigir-lhes; o incenso dos lisonheiros e a inveja dos inimigos seguiram de certo do parto o mesmo prestito funebre, que leva á ultima morada esses entes coroados pelas mãos da fortuna ou pelos direitos do sangue. Tudo é contradição, tudo é mentira em roda delles, ainda mesmo nessas horas supremas, em que os arminhos e purpuras da realza não cobrem já senão as cinzas do que fôra homem. O prestigio do que foi grande como que ainda põe medo aos falsos amigos para os obrigar a panegyricos e encarecimentos; e o receio de que aquelles restos inanimados commandem ainda d'atém o sepulchro só com o respeito que ficára da sua voz, enraivece os detractores, que se desforram em deturpar com aleives a memoria do que os fizera rojar em quanto vivo.

Porem tudo isto se dá com principes que deixam após si, como resquicio da natureza de seu caracter, sentimentos e recordações contraditorias, de cujo antagonismo seja difficil extrahir elogio completo ou condemnação cabal. Mas tratando de se apreciar em D. Pedro V, tanto o homem como o soberano, acabaram-se as hesitações do escriptor: não ha que interpretar. O labyrintho de juizos varios que tem por costume enredar-se atraz dos ultimos passos dos principes, e confundirem todo o desejo de analyse sincera a respeito de suas acções, converte-se desta vez em bem facil e accorde apreciação. Do lado do principe não houve senão um fôto constante, fôto que as condições do seu caracter exageram de certo, e foram talvez a causa indirecta da sua morte. O empenho de tornar o *officio do rei* tarefa de prosperidade para o seu povo, foi esse fôto. Nobre fôto que resume os deveres e as virtudes de um reinado! Assim, da parte de D. Pedro V, solicitude, dedicação e sacrificio, e da parte dos portuguezes, amor, reconhecimento e saudade, rennem os elementos moraes deste periodo tão infaustamente terminado.

II.

O que vai ler-se não é nem apologia de um principe, nem a analyse politica de um reinado, nem a narrativa chronologica dos actos publicos que ordinariamente costumam consubstanciar e caracterisar a vida dos soberanos; o que vai ler-se participa de tudo isto, mas parte de principios diversos, porque os seus intentos são mui diffe-

renter. O meu fim, traçando estas linhas ao correr da penna, não é apparellhar um trabalho subsidiario para a historia de Portugal destes ultimos seis annos; o meu fim é estudar o caracter de um principe, e procurar nas singularissimas qualidades que o compunham a interpretação das circumstancias do seu destino.

E' antes o homem que o rei, que vou observar; mas como o homem foi rei, o que importa dizer que os seus pensamentos influiram nas relações sociaes de um povo, é indispensavel que venha o quadro dos nossos successos publicos agrupar-se-lhe em torno, e que dos seus accidentes, uns irremediavelmente funestos, outros apenas lastimaveis, se tirem as causas do desenvolvimento, e de certo tambem da exacerbação dos phenomenos moraes daquelle caracter.

—E' um retrato moral, e não a enumeração dos successos de uma época.

Muitas vezes, para este fim, teremos de penetrar na intimidade do gabinete do soberano, segui-lo á elle no *seu* viver quotidiano e familiar, surpreende-lo nos segredos das suas confidencias, se não expansivas, mas sinceras, e ir procurar até a origem e a explicação das leves imperfeições do seu caracter, ou antes dos innocentes erros do seu espirito, nos preconceitos da educação da creança; tudo isto farei, acompanhado sempre da consideração e do respeito, para com esses puros e inoffensivos segredos do lar, e muitas vezes com as lagrimas nos olhos, por ver que não bastaram nem as lições da verdade firme de sua mãe, que as teve, e traduzidas em testemunhos de bem conhecida intrepidez, nem os exemplos da historia, nem os conselhos da philosophia, á que não era estranho, para lhe fugirem do animo as superstições do infortunio.

E é este exactamente o ponto, onde residia o maior defeito de caracter do rei defuncto, e donde ao mesmo tempo derivou a sua mais notavel virtude; porque do fatal convencimento da sua desventura resultaram as irresoluções e tristezas, que lhe enchiam de sombras todas as horas da existencia, e isto é sempre um defeito, porque é uma molestia do espirito; mas, convencido do influxo da sua má estrella, o mallogrado principe não quiz lutar com a sua sorte, recelando que dessa porfia brotassem ainda piores males para o paiz e para os seus, que lhe eram tão charos; preferio antes morrer; debrouta cabeça, e depoz á beira do sepulchro o manto e a corôa dos reis, escolhendo a tranquillidade da vida eterna. A' isto chama-se abnegação, sacrificio que, neste caso, importa a renuncia dos maiores bens da terra. Mas D. Pedro V mostrou-se só christão: ante si

via descerrar-se-lhe a bemaventurança, e entre o premio dos escolhidos de Deus, e as desditas do mundo, preferio soltar-se dos apertados laços da vida terrena, e voar para o lado da mãe e da esposa.

Sublime e pura convicção!

Resignemo-nos, e admiremos este heroismo digno dos antigos martyres, em annos tão verdes, e cercados de tantas e tão deslumbrantes seducções do mundo!

(Continúa.)

VARIÉDADES.

PACIENCIA INGLEZA.

—N'um dia de outubro de 1849, lord Bridx alugou em Londres um carroagem, e dirigiu-se para as margens do Tamisa, onde devia embarcar para a ilha de Wight. — Espera-me aqui, disse ao cocheiro, e dirigiu-se para o navio. Este ia a saber naquelle instante e lord Bridx não teve tempo p.^a despedir o cocheiro, o qual alugou o terreno em que se achava a carroagem, construiu ali uma barraca de madeira para os seus cavallos e para elle, e passou ali varios mezes.

No mez de Outubro de 1850, lord Bridx regressou a Londres, sem se lembrar nem remotamente das circunstancias da sua precipitada partida; quando recebeu uma citação para pagar ao cocheiro 700 libras esterlinas pelo aluguer da carroagem por um anno.

Levantou-se sobre isto uma questão judicial, que durou onze annos, e os tribunaes acabam de julgar o lord condemnando-o a pagar aquella quantia.

LONGO QUARTO DE SENTINELLA.

Em 1807 o marechal Davoust occupava uma parte da Pomerania até a ilha de Rugen, onde collocaram um destacamento. Este recebeu ordem de evacuar a ilha, e retirando-se com precipitação, deixou alli, por esquecimento, uma sentinella. O pobre soldado fartou-se de passear por muitas horas, até que, perdendo a paciencia, correu ao corpo da guarda: achou-o deserto, os seus camaradas haviam embarcado, e o pisero, vendo-se só, ficou inconsolavel, porque, além do abandono, receou ser considerado desertor no seu regimento.

Foi para a cidade, e contou a sua historia a um homem honrado, que o consolou e o tomou a seu serviço. Com o tempo estreitaram-se as suas relações, e o soldado veio a casar com a filha do dono da casa.

Decorreram cinco annos. Uma certa manhã appareceu uma frota no canal, e a

noticia correu de que eram os francezes que aportavam a ilha.

—Estou perdido! Exclamou o soldado, vão prender-me como desertor!

Depois acode-lhe uma inspiração: Veste o seu uniforme, pega na espingarda, e corre para o ponto onde cinco annos antes os seus compatriotas o tinham abandonado.

Os francezes desembarcaram,

—Quem vive! Grita o soldado.

—Francez?!—responde um official.—Que fazeis vós aqui?

—Estou de sentinella.

—De sentinella! Desde quando?

—Desde 1807.

O official fica admirado, o soldado explica-se, e contado o caso ao almirante, este riua gargalhadas, e mandou immediatamente passar uma baixa em forma ao nosso homem, que esteve de sentinella desde 1807 ate 1812.

Estava situada perto de Zurich a fortaleza dos condes de Taggenburg. Commetten, um delles, um crime, do qual se fallou por muito tempo. Casou com uma donzella, angelica e linda como os anjos. Deixou ella, um dia, cabir por acaso, o anel nupcial. Tomou-o no bico um corvo e leva-o fora do castello. Encontra-o um dos escudeiros do conde, e põem-o no dedo. Vê-o o conde, e, n'um frenetico transporte de delirio, agarra sua mulher e lança-a do alto da muralha, e manda arrastar o escudeiro seu camarada á cauda do cavallo. A joven condessa não morrendo de semelhante queda, retirou-se para um convento. Tentando debalde seu cruel esposo chegar perto della, acabou a vida cheio dos mais pungentes remorsos. (Extr.)

ANNUNCIO.

—VENDE-SE por preço commodo uma data de terras, com duas leguas de comprido e uma de largo, na comarca do Brejo, que se acha registada. As ditas terras são proprias e mui excellentes para mandioca, algodão, canna, para crear gados vaccum e cavallar; tem muito bons lugares para soltas, e um grande riacho permanente no lugar denominado Mangabeira.

As pessoas que as pretenderem queirão dirigir-se á esta typographia, que se-lhes dirá com quem devem tratar.

Caxias, 28 de Fevereiro de 1862. —1

Caxias, Typ. do—Pharol—impresso por Antonio da Costa Neves —1862.

O ALBUM CAXIENSE.

PERIODICO LITTERARIO, COMMERCIAL E RECREATIVO.

| | | | | | |
|--|--------|--|--|-------------------|--------|
| ANNO I. | | CAXIAS, 27 DE SETEMBRO DE 1862. | | N.º 23. | |
| ASSIGNATURAS | | PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA. | | ASSIGNATURAS | |
| (dentro da Cidade.) | | Subscreve-se na casa do redactor, banco do thesouro, casa n., sendo as assignaturas pagas adiantadas. | | (fora da Cidade.) | |
| Os annuncios para os assignantes gratis, e para os que não forem, conforme o ajuste. | | Comunicados, correspondencias e outras publicações de interesse geral, gratuitas. Folha avulsa 200 rs. | | | |
| Por anno ... | 8\$000 | | | Por anno ... | 8\$500 |
| Por semestre | 4\$500 | | | Por semestre. | 5\$000 |
| Por trimestre. | 3\$000 | | | Por trimestre. | 3\$500 |

Desculpa.

Bem á nosso pesar tem deixado de sair regularmente a nossa folha, como era de costume; mas esperamos que os nossos leitores nos desculpem, sabendo que o motivo desta falta foi a molestia, que nos tem obrigado a guardar a cama muitos dias.

O ALBUM CAXIENSE.

CAXIAS, 24 DE SETEMBRO DE 1862.

Assusta-nos sobremodo o preço porque se está vendendo o algodão nesta cidade. É quasi impossivel que não se dê algum prejuizo, que talvez tarde se venha a lamentar sem remedio. Não ha calculo, pelo que vemos e observamos, na compra, que fazem os Snrs. Comerciantes d'aqui: relevem-nos a franqueza com que lhes fallamos; nem sempre as crises no commercio são duradouras, e por isso é preciso haver muito tento, quando se arrisca capitães que, podendo produzir muito ou mesmo proporcionalmente, sendo bem empregados e em tempo opportuno, ao contrario nada produzem ou apenas servem para accarretar mil prejuizos aos que os empregaram.

O preço fabuloso porq' actualmente se vende aqui o algodão (15\$000 reis e mais!) não traz senão desvantagem ao commercio, fiquem certos disto aquelles que traficaõ neste genero. Taxar-nos hão de ignorante e estúpido, quando fallamos nesta materia, em que somos zero; embora; aceitamos o epitheto, mas diremos o que a nossa fraca razão nos dita, e

comparando o que se passa agora com o que ja se tem passado em outros tempos de crises semelhantes.

Quem poderá assegurar-nos que, na praça do commercio, para onde é enviado todo o algodão aqui comprado, será elle bem reputado, e vendido por um preço, que possa dar interesse ao vendedor, tendo-o comprado á 15\$000 reis e mais a arroba? Não estamos vendo quotidianamente as alterações que ha em todos os preços nos mercados? Não será uma verdade de primeira intuição? Não se diga q' será um phenomeno, nem que só por infelicidade poderá isto succeder; ao contrario, será muito natural uma alteração qualquer para mais ou para menos.

Todos dizem: a alteração só poderá ser para mais; e, para assim pensarem, só argumentão com a guerra da America. Oh! que argumento infallivel! seria preciso que a guerra fosse eterna, ou pelo menos que houvesse probabilidade de durar muito. Ainda assim não era para arriscar os capitães sem calculo algum; quanto mais que ha toda a probabilidade de concluir-se essa guerra, que, á principio, apresentava um aspecto assustador, e hoje, segundo o estado das cousas, não deverá subsistir por muito tempo.

Dirão agora: mais uma usneira, para se juntar á primeira. Aceitamos o gracejo, mas cremos que não nos afastamos muito da verdade, segundo as ultimas noticias, que lemos; e, em ultima analyse, ou nos enganamos redondamente, ou então verificar-se-ha em breve o que havemos annuciado. Se no primeiro caso, talvez que o algodão conserve o bom preço porque está, (o que ainda tem seus ques) se no segundo, é certissimo o prejuizo.

Resta ainda fazer algumas observações. A America não é a unica parte do mundo, que fornece o algodão; além de outras, accres-

ce que, segundo as noticias, a China vai abrir ou já abriu e franqueou os seus portos ao commercio. Sabemos por ventura o que por lá haverá?

Agora permitta-se-nos uma hypothese:

Supponhamos que neste paiz, até hoje vedado ao commercio do mundo, agora, depois de franqueados os seus portos, apresente um mercado abastantissimo de algodão e de boa qualidade, cuja quantidade só se possa avaliar depois de vista: supponhamos que assim succeda, o q' se deve esperar? a conservação do alto preço neste genero? não; logo aquelles que ainda não tiverem auferido os lucros, que esperavam, terão de vender o seu algodão pelo preço do mercado, e perderão. Mas, insistirão alguns teimosos, *pode-se esperar*. Sim; nós também diremos: *pode-se esperar*; e depois? *vender-se-ha, quando tornar a subir o preço, e assim será resarcido o prejuizo, accrescentarão.*

Muito bem: demos de barato que assim aconteça (fallando em grandes capitalistas, que podem empatar os seus capitães sem grande desfalque), e que lá venha um tempo feliz (q' infeliz, que é o melhor), em que o preço do algodão cresça; chegou o tempo, vendendo-se o genero por mais do q' se comprou, descontaram-se as comissões &c e ficou interesse. Perguntamos agora: e o damno proveniente do empate dos capitães? é preciso que não se considere lucro somente o que proveio da venda do genero por preço maior do que foi comprado; é necessario que este lucro seja tal, que chegue para isto, e ainda mais para cobrir o damno proveniente do empate dos capitães.

E' preciso que este lucro compense uma coisa e outra, para assim se fazer um calculo exacto; sem isto não se pode dizer: *eu lucrei*, importando-se pouco com os interesses, que poderiam trazer os mesmos capitães, se tivessem sido empregados com prudencia, avaliando-se o tempo e as circumstancias d'então.

Ora isto é pelo que respeita aos grandes capitalistas, que possuem sommas disponiveis, e que, arredadas do gyro do commercio, não desfalecem os seus fundos. Provado se achá, que estes mesmos serão prejudicados e muito prejudicados: isto é incontestavelmente certo.

Aplicando pois o argumento aos q' commerciam com poucos fundos, o q' poderemos dizer? a conclusão mais rigorosa e a mais logica será esta: *ficarão fallidos*, ou pelo menos *ficarão de rixas*, porque o seu prejuizo irá muito além d'um prejuizo ordinario; não ficarão só prejudicados na compra, que fizeram, ficarão também nos fundos com que girão, de sorte que com bastante difficuldade poderão equilibrar-se.

Não se chame isto um quadro exaggerado; não se diga que estamos tomando a navem por Junco, ou que avistamos uma balça, onde ha apenas uma sardinha ou cousa ainda menor. Não queremos amedrontar, ou interromper os negociantes desta cidade nas suas compras, pois não temos interesse em fazel-o senão pelo que respeita ao bem seu e do publico em geral.

Cada qual que imparcialmente e com reflexão ponderar bem nesta materia encherá o mesmo que nós, embora não tenha noção alguma de calculo, e nem se quer um resquicio d'experiencia. Não é preciso aprofundar muito a questão para se tirar a consequencia, que tiramos: pois salta aos olhos o resultado pouco mais ou menos. Refletão bem os commerciantes, calculem com mais exactidão, e chamem em seu auxilio a sã razão, que verá a verdade nua e crúa.

De mais: não é só por este lado q' os commerciantes devem abandonar este modo de comprar algodão por tão alto preço, sem certeza de bom resultado. Fazendo bem aos vendedores, prejudicam-se reciprocamente, querendo cada qual ter a preferencia; de sorte que neste afan não considerão, que estão cavando para si mesmos um abysmo lazondavel. Não consiste o calculo somente em dizer: *aproveitemos o bom preço, e compre-se a maior porção d'algodão, que for possível, ainda que seja por preço mais exorbitante*. Não se cure somente do presente; o futuro merece-nos muita attenção.

O algodão offerece hoje tantas e tão grandes vantagens. Pois bem; o estrangeiro não olha a exorbitancia do preço, e compra tudo para os trabalhos de suas fabricas. Attendendo ás despesas que faz, elle por sua vez virá á nós com a sua industria, e teremos de pagar também conforme a sua exigencia; e não ficará só nisto. Elle apresentará as suas fazendas por alto preço, mas estas fazendas não serão boas, porque, segundo o que sempre succede em casos identicos, quanto maior é o preço pelo q' o genero. Não devia ser assim, mas é; pois durante as necessidades tudo se vê assim transtornado, e, em quanto ellas subsistem, vão sempre piorando as cousas, até que chegue o *satis est*, que a mesma regularidade impõe á irregularidade.

Chegando pois a este ponto tudo cessa como por encanto; mas então começa-se a respirar, toma-se follega, e todos dizem: *estamos salvos, passou a crise*.

Agora examine-se o que se fez; avalie-se os prejuizos soffridos; contrabalance-se a receita com a despesa, e ver-se-ha á quanto monta todo o perdido. Existe um *deficit*, que só muitos annos de trabalho insano poderão fazer esquecer, porem jamais cobrir.

Eis-aqui em bem pequeno esboço o que

por fim resultará da crise porque estamos passando acerca do algodão, crise que tanto mais assustadora se vai tornando, á vista da altura do preço á que se está elevando. Por ora nada é em prejuizo nosso, mas logo será.

E quanto aos Srs. commerciantes desta cidade, que, para terem preferença nas compras, se vão prejudicando mutuamente, dando mais *um tanto* sobre o preço, que outro offerece, podemos quasi asseverar, que, com poucas excepções, terão de arrepender-se.

Deos queira que assim não succeda; nós o desejamos de muito bom coração, porque também não ignoramos, que os atrazos no commercio de qualquer localidade recaem todos sobre seus habitantes.

Finalmente pedimos que, pondo todos de parte a nossa ignorancia em materia de commercio, reflectão com madureza no que acabamos de escrever. Concluímos dizendo, que o commercio, para ser vantajoso, deve ser feito calculadamente e com prudencia, porq' d'outro modo só trará aos que nelle trafficão desgostos, vexames, desesperações, e por ultimo a perda irreparavel, consequencia infallivel do que se faz sem auxilio da boa razão e da experiencia.

NOTICIARIO.

—Festa de N. S. do Rosário. Tera lugar esta festividade no dia 5 do vindouro mez; as novenas começaram hontem.

—Carta anonyma. Poderíamos apresentar aos nossos leitores o que se nos diz em uma carta anonyma, que nos foi dirigida com data de 13 do corrente; como porem o seu auctor affirma certos factos, dizendo que está prompto a provar, esperamos que nos declare o seu nome, para que a redacção do Album não carregue com a responsabilidade de tal affirmacão.

Quando em o n. 3 passado tratamos d'uma carta anonyma, não foi porque lhe dessemos inteiro credito, mas sim porque alguns individuos nos asseveraram o que então publicamos; quanto á esta outra não succede o mesmo, e até, para dizer a verdade, já nos affirmaram o contrario do que nos escreve o anonymo.

—Nos jornaes vindos ultimamente nada encontramos de importante á respeito das noticias do sul do imperio; quanto ás da Europa não publicamos por falta de espaço.

—O Sr. Giuseppe Wander forneceu-nos, em a noite de 21 do corrente, um bello divertimento de phisica e gymnastica na casa da Camara (divertimento particular); o que desempenhou foi pouco, é verdade, mas fê-lo com bastante desembaraço, e mostrou que era

senhor da sua arte; todas as pessoas que estiveram presentes ficaram satisfeitas.

Consta-nos que continuará a dar espectáculos, mas no theatro, para o que já se está preparando. Fallão muito da pericia do Sr. Wander, principalmente na gymnastica, podemos potem asseverar que, se desempenhar como começou, e para melhor, como é natural, teremos de passar bellas horas de divertimento. Dizem que uma moça, que acompanha o Sr. Wander, também trabalha excellentemente; ainda a não vimos, mas cremos q' é verdadeiro o boato, pois que algumas pessoas no-lo tem affirmado. Veremos.

VARIÉDADE.

Um sympathico official de um dos corpos da guarnição de Lisboa, o qual habita em um quarto da baixa com a sua camara-da, fôra convidado para jantar á casa de uma illustre aristocrata, que tem o seu palacio nas Janellas verdes. Uma exigencia inesperada do serviço prohibiu no dia aprazado o official, que é o major F., de assistir ao jantar da interessante fidalgua. Para motivar a falta, escreveu uma espirituosa carta á illustre dama. Como o serviço acabava pouco depois do jantar, elle entregou a carta ao seu impedido, dizendo-lhe:

—Leva esta carta á casa da Exm. Sra. D. M..., ás Janellas Verdes, e traz-me o jantar.

O soldado partiu satisfeito por ter de cumprir tão importante missão.

Ora, o major costuma mandar buscar o seu jantar ao Matta.

O soldado chegou ao palacio da Sra. de M... A missiva foi recebida por uma das aias, que, passado 5 minutos, lhe trouxe esta resposta verbal.

—S. Exc. sente que o Sr. major F. não pudesse aceitar o seu convite.

—Sim, replicou o soldado com o ar solenne de um embaixador fiel á sua missão; mas o major ordenou-lhe imperiosamente de lhe levar o jantar.

A aia sorriu-se, mas correu a levar esta replica á Sra. de M. Esta percebe que nisto havia um engraçado equivoco; mas, sem trahir a sua seriedade, ordenou que se collocasse em um grande cabaz um magnifico jantar, o qual foi confiado aos robustos hombros do camarada, que, alegre e satisfeito de tão bem desempenhar a sua missão, chegou á casa.

O major ao primeiro relancear conheceu

logo que aquelle festim de Balthazar, sem depreciaçã o merito do Matta, não vinha d'ali. O soldado referiu-lhe todos os prome-nores da sua missão. Mas com o modo tão ingenuo e simples que o illustre militar, longe de o castigar, soltou uma gargalha-da homérica, e mandou convidar dous col-egas para juntos devorarem este banquete de Lucullo.

Todavia, antes de sentar-se á mesa, como cantechão o caracter jovial e benevolente da espirotansa fidalga, quiz fazer-se represen-tar no jantar do palacio por um desses mag-níficos manjares, que são os titulos de glo-ria do Matta, e ordenou ao camarada de l'h'o ir comprar-lhe no preço de 5\$.

O soldado, julgando-se em phase de fe-licidade, não correu, voou ao Matta; com-prou o manjar, e mais veloz que o mensa-geiro dos deuses pagãos chegou á casa da Sra. de M., entregou o presente á aia e to-mou um ar grave e altivo p'á receber a resposta.

— Dá dez tostões á esse bono rapaz, disse a fidalga á sua aia, que se apresentou em lhe dar tal recompensa.

O soldado olhou as meias cordões com sorriso malevolo e exclamou:

— Perdão, menina, o manjar custou reis 5\$000!

— Dá-lhe os 4\$ que faltão, concluiu a formosa dama, saltando uma gargalhada harmoniosa.

Estava o major á mesa quando chegou o camarada, que, pondo com ufania o dinhei-ro sobre a mesa, disse:

— Prompto, meu major: a Sra. de M. queria só dar-me dez tostões, mas eu não quiz aceitar se não o dinheiro todo, porque não gosto que devam cousa alguma á V.S. Crejo que andei perfeitamente.

E dando meia volta á direita sahiu, di-zendo consigo:— Se desentpenho assim mais tres incumbencias, dentro em pouco estou alicerces.

O major ficou desapontado, quando á noite se dirigiu á casa da Sra. de M., e q' foi recebido na sala por um diluvio de en-graçados epigrammas á proposito do epis-odio:— *Recebera 5\$000 e um jantar co-mo castigo de haver faltado á um compro-misso com uma dama aprecíavel.*

(Do C. Mercantil.)

OBITUARIO.

CEMITERIO DE S. BENEDICTO.

Agosto. 3 Senhorinha Maria de Moraes, 35 annos, Caxias, febres.

4 Bernabé Antonio dos Santos, 40 annos, Caxias, molestia in-terior.

8 Benedicto, 7 dias, Caxias, es-pasmo.

11 Benedicta, 8 dias, Caxias, se-tenna.

12 Candida Umbelina de Lacerda, 40 annos, Bahia, hydropesia.

15 Savianna, escrava do tenente Candido Paulo de Mesquita, 30 annos, Caxias, catharro pul-mario.

“ Joaquina Rosa Baptista, 25 annos, Caxias, febres, indi-gento.

16 João da Silva Ferreira, 61 an-nos, Portugal, molestia de figa-do.

18 Rosa, 4 mezes, Caxias, febres.

“ Severa, 12 mezes, Caxias, fe-bres.

25 Filomena, 10 annos, Caxias, febres.

28 Anna Thereza da Silva, 66 annos, Bahia, pleuris.

30 Amador, 90 annos, Africa, mo-lestia interior.

ANNUNCIO.

De ordem da mesa administrativa da Irman-dade de N. S. dos Remedios se faz publico, que está designado o dia 4º de novembro pro-ximo para a festividade de N. S. dos Remedios, que sera feita com vesp'ras, missa solemne, sermão, e te-deum, com exposiçã do S. S. Para tornar-se mais aparatosa esta festividade, são convidados todos os devotos a comparece-rem no Templo e assistirem aos actos Religio-sos. Na vespera e dia haverá leilaõ, como é costume, em beneficio das obras da Igreja: aos devotos de N. S. dos Remedios se pede para concorrerem com suas joias e comparecerem ao leilaõ, tornando-o mais rendoso em proveito do culto. Caxias, 10 de Setembro de 1862.

O Procurador.

Pereira dos Santos.

Caxias, Typ.—Independente—Impressor por Antonio da Costa Neves.—1862.